

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Revisitar os Grandes Géneros: Film noir | No Coração do Noir
23 e 30 de Junho de 2021

STRANGER ON THE THIRD FLOOR / 1940

Não Matei

um filme de Boris Ingster

Realização: Boris Ingster / **Argumento:** Frank Partos / **Fotografia:** Nicholas Musuraca / **Direcção Artística:** Van Nest Polglase / **Música:** Roy Webb / **Montagem:** Harry Marker / **Interpretação:** John McGuire (Michael Ward), Margaret Tallichet (Jane), Peter Lorre (o desconhecido), Elisha Cook Jr. (Joe Briggs), Charles Waldron (o acusador), Charles Halton (Albert Meng, o senhorio), Ethel Griffies (a Sra. Kane), Clift Clark (Martin), Oscar O'Shea (o juiz), Alec Craig (o advogado de defesa), etc.

Produção: Lee Marcus para a Rko Radio Pictures / **Distribuição:** Rko Radio Pictures / **Cópia:** 35 mm, preto-e-branco, legendada electronicamente em português, 63 minutos / **Estreia Mundial:** 1 de Setembro de 1940 / **Estreia em Portugal:** Cinema Olímpia, a 20 de Outubro de 1941 **Primeira apresentação na Cinemateca:** 23 de Julho de 1988 ("Série B").

AVISO

Os instantes finais da cópia 35 mm que vamos apresentar não têm a banda de som impressa, o que significa que o som termina abruptamente pouco antes da legenda de "Fim" mas sem perda de falas.

NOTA SOBRE O TEXTO EM DISTRIBUIÇÃO

O texto de João Bénard da Costa que se distribui como "folha" de sala foi originalmente escrito por altura da primeira, e até esta data única, passagem de **Stranger on the Third Floor** na Cinemateca no curso de um Ciclo dedicado à "série B", em 23 de Julho de 1988, um sábado de Verão. Nesse dia terão sido apresentados três dos filmes do programa, tal como denota a indicação à "tripla" de filmes nessa "jornada" de programação. Salvo referências mínimas, o texto é transcrito sem alterações. Lembre-se que **Stranger on the Third Floor** foi consolidando a posição de *film noir* inaugural, a par de **Blind Alley** de Charles Vidor (1939) e dos quintessenciais **Rebecca** de Hitchcock e **They Live by Night** de Nicholas Ray (estreados antes, no mesmo ano de 1940).

Quem trocar hoje o dia de praia por uma "tripla" na Cinemateca, não se arrependerá, por muito convidativo que esteja o sol. Para qualquer cinéfilo digno desse nome, estas sombras são bem melhores.

E vamos começar a última jornada do programa da Cinemateca 87-88 com um aperitivo saboroso (depende dos gostos, mas conto com os vossos, "brothers in perversity"): depois, com uma surpresa daquelas que só se tem de dez em dez anos, para acabar com uma obra-prima absoluta e absoluta, quando for noite e vos apetecer um *detour*.

Falo agora da tal surpresa, que não se passa só num terceiro andar. Autor, um ilustre desconhecido chamado Boris Ingster. Não vem em quase parte nenhuma e as filmografias que encontrei atribuem-lhe três filmes: este – que seria o primeiro – The Judge Steps Out, em 1949, e Southside 1-1000, em 1950, com Dan DeFore e Andrea King, que alguns aproximam do T-Men de Anthony Mann.

Tão estranha carreira desperta-me insaciável curiosidade, mas não a consegui matar em parte alguma. Parece que o homem é tão misterioso como o filme, ou então (cansaço de fim de ano) procurei mal.

Já vos citei várias vezes, nestas “folhas”, Bob Porfirio, um dos autores do *Film Noir*. Eis o que lá li sobre Stranger on the Third Floor: “É o primeiro ‘film noir’ que perfaz nítida ruptura com os filmes de horror e de mistério dos anos 30. Primeiro, pela insólita mescla de sonho e realidade. Depois, pela clara afirmação da influência do expressionismo alemão no cinema americano, um ano antes do Citizen Kane. O argumento de Partos, insistindo na paranóia e na claustrofobia, é beneficiado por uma insólita e bizarra ‘mise en scène’, toda em décors de estúdio. O estilo germânico da direcção de actores de Boris Ingster é sustentado pela gestualíssima representação de Peter Lorre e de John McGuire, bem como pela direcção artística de Van Nest Polglase. A carreira de Polglase, na RKO, culminou com o Citizen Kane, onde aperfeiçoou, com Albert S. D’Agostino (igualmente à cabeça do departamento artístico da RKO) a maior parte das técnicas fundamentais que marcaram todo o filme negro. Finalmente, Stranger on the Third Floor explora a fotografia barroca de Nicholas Musuraca, cujo estilo ‘amaneirado’ se requintou nos filmes de Orson Welles e de Val Lewton.”

Eis o que se chama não dar o seu a seu dono. Com um “desconhecido” como realizador, os comentadores preferem repartir os méritos pelos muito grandes: Van Nest Polglase (que fez de tudo, desde Fred Astaire-Ginger Rogers ao The Informer de Ford, desde Whale até Hitchcock (Suspicion) e Gilda, de Vidor; Musuraca, operador de Tourneur e de Nick Ray; e o húngaro Frank Partos, argumentista de So Red the Rose (King Vidor) The Jungle Princess (Wilhelm Thiele) ou The Snake Pit (Litvak). E, evidentemente, Peter Lorre, de que se disse que só com este filme encontrou papel à altura do protagonista do **M**.

Por maiores que sejam esses nomes (e são-no), por maiores que sejam esses contributos (e são-no) não consigo olhar para Stranger on the Third Floor como a soma de um trabalho de “art direction” + fotografia + argumento + actores, com realizador ausente e apagado.

Certo é que a inadjectivável sequência deste filme (aquela por que foi e será sempre lembrado) é a sequência onírica, a estarecedora sequência onírica, onde Polglase e Musuraca reinam. Se fosse projectada isoladamente e se lhe atribuísse como autor, digamos Orson Welles, daria um doce a quem dissesse que era impossível. ● Processo – filme tão Kafkiano como essa sequência – não vai mais longe, desde o “plongé” das imensas caras até à transfiguração da sala do tribunal; desde o plano de Lorre sozinho nas bancadas até à marcha para a morte de John McGuire, acusado por Elisha Cook Jr. Classificá-lo como o mais insólito “flashback” da história de Hollywood não é mesmo exagero nenhum, nem delírio meu. Quem não viu isso não viu nada do “expressionismo” hollywoodiano, a não ser, eventualmente o melhor de Berkeley.

Mas não é só por esses 10 minutos de cinema que Stranger on the Third Floor merece a reputação lendária que tem. Todo o filme comunga dessa estrutura onírica, surreal, que, como nos melhores exemplos, acaba e começa no mais plácido quotidiano.

Quando, no fim do filme, voltamos ao restaurante aonde Jane espera Michael e, depois, à rua onde tudo começa, estamos prontos a acreditar que tudo foi sonho dela, enquanto guardou o lugar para o noivo jornalista e que nunca dali saímos. É a sequência mais terra-a-terra que imaginar se possa (como o são o casal) sem que nada faça suspeitar para onde vamos ser atirados (mas já havia as sombras no genérico).

Um "star reporter", uma rapariguinha insignificante. Mas acontece (mesmo às mais insignificantes) terem dúvidas e essas dúvidas contagiam o vaidoso namorado. E quando conhecemos o criminoso que descobrira, as dúvidas passam a ser nossas por que (e ainda não vimos Peter Lorre) nos começamos a lembrar do **M** (um dos grandes feitos deste filme é sublinhar a semelhança funda entre os dois geniais actores, coisa de que nunca ninguém se lembrara antes e nunca ninguém se voltou a lembrar depois).

As sequências do tribunal são ainda sociológicas (cruelmente sociológicas, com o ressonar do jurado, e a distração do juiz). A dimensão alucinatória só surge quando assistimos à condenação de Elisha Cook Jr. e ao seu desespero.

E só então surge Peter Lorre – tão assombroso como no **M** – sentado nas escadas da casa de John.

Aí começa a dimensão kafkiana, com a perseguição, a mão a sair da porta e o horrível casal de senhorios. Como diria Tchekov "a vida é grosseira" e é grosseira tanto para Nick, como para John.

Começam as diagonais pelas escadas, o jogo do gato e do rato e a progressiva anulação de John, confundido com a "voz off". Aproximam-se os grandes "flashbacks" em sentido literal, a genial sequência onírica e a absurda condenação de John, tão absurda – tão antológica – neste absurdo – como a de Nick. "Inanity in our lives". E a noite de Jane e Lorre ("thick lips and bulgy eyes") é apenas o apogeu do onirismo onde já estamos envolvidos. Agora é ela quem é a "star reporter" descobrindo o homem do cachecol que afinal a ela – e a ~~ela~~ só – se descobriu.

Há filme-sonhos. Há filme-pesadelos. Stranger on the Third Floor é o apogeu dos últimos. Enquanto nos lembrarmos, temos medo, esse medo final que voltamos a ter quando Elisha Cook Jr. – regressado da morte – abre a porta do táxi para o casal.

E, por fim, fiquem com Peter Lorre. O "stranger on the third floor" já deu sentido a tudo e tirou sentido a tudo. Em torno dele se aspira o terrível vazio deste terrível filme. Quem duvide, que lhe repare nos dentes.

JOÃO BÉNARD DA COSTA